

**UNISA - UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO
FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL**

PEDRO JOSÉ FERNANDES SALOMÃO

**SERVIÇO SOCIAL DE REDE EM REDE
CIDADANIA E INCLUSÃO SOCIAL NOS CAMPOS DE FUTEBOL**

**São Paulo
2007**

PEDRO JOSÉ FERNANDES SALOMÃO

**Serviço Social de Rede em Rede
Cidadania e inclusão social nos campos de futebol**

Monografia apresentada para obtenção do título de bacharel em Serviço Social à Faculdade de Serviço Social da Universidade de Santo Amaro, sob a orientação da prof.^a Viviane Elisabeth Diniz da Silva.

São Paulo
2007

Agradeço a professora Viviane Elisabeth Diniz da Silva, orientadora do trabalho que contribuiu no andamento da pesquisa e no meu crescimento profissional.

A Gláucia Oliveira, coordenadora do Projeto Chute Inicial do Corinthians, responsável pelas escolas de São Paulo.

Ao professor Ronaldo Rodrigues, dono da filial da escola Chute Inicial do Corinthians, localizada no Município de Diadema, que abriu as portas da sua instituição para ser realizado o trabalho de pesquisa.

Ao professor Mauricio José Ortolani, que foi o responsável para que a minha pesquisa no “Chute Inicial” se realizasse.

Aos familiares e amigos, que me incentivaram com pela compreensão, apoio e incentivo durante o período da evolução do trabalho.

SUMÁRIO

LISTA DE FOTOS

RESUMO

INTRODUÇÃO

CAPITULO I - JUVENTUDE E O MUNDO DO FUTEBOL

- 1.1 Breve historia do futebol no Brasil10
- 1.2 A juventude no Brasil, seus desafios e o mundo do trabalho.....18

CAPÍTULO II - CIDADANIA, INCLUSÃO E ESPORTE

- 2.1 O esporte como instrumento de cidadania.....26
- 2.2 Inclusão social e conquista de direitos.....29

CAPÍTULO III - A EXPERIÊNCIA DA INSTITUIÇÃO 'CHUTE INICIAL DO CORINTHIANS'

- 3.1 Quem são e principais ações35
- 3.2 A Unidade de Diadema37
 - 3.2.1 História.....37
 - 3.2.2 Principais Ações.....37
 - 3.2.3 Resultados Alcançados.....38

CAPÍTULO IV – O IMPACTO DA TEORIA NA PRÁTICA

- 4.1 Metodologia.....41
- 4.2 Análise de dados de pesquisa qualitativa.....43
 - 4.2.1 Cidadania43
 - 4.2.2 Inclusão Social45
 - 4.2.3 Direitos Sociais47
 - 4.2.4 Mundo do trabalho48
- 4.3 Considerações Finais50

BIBLIOGRAFIA

ANEXO

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Professor instruindo os alunos da escola “Chute Inicial do Corinthians”.....	9
Figura 2	Alunos durante o treino.....	25
Figura 3	Logo da escola “Chute Inicial do Corinthians”	34
Figura 4	Pesquisador, professor e alunos.....	40

RESUMO

O futebol é um esporte que atinge a todos sem discriminação, porém de formas diferentes, por sonhos particulares que variam conforme o nível sócio-econômico. Meninos em situação de vulnerabilidade social idealizam se tornar jogadores famosos, pois conhecem exemplos que, mesmo vindo de classe sócio-econômica menos favorecida, atingiram a notoriedade, fato que se torna sua principal referência.

O sistema em que vivemos traz nele a influência da mídia, que dita os “heróis” a serem seguidos por meninos e jovens. Desperta o desejo de atingir o sucesso assim como acontece com seus “ídolos”, porque acreditam ser uma das únicas formas de terem reconhecimento como cidadãos.

Por isso a importância da atuação do Assistente Social nas Instituições promotoras do esporte, propiciando a esses futuros atletas a integração social em uma estrutura com ambiente familiar e acolhedor, esclarecendo assim o significado do conceito de cidadania.

INTRODUÇÃO

A idéia de trabalhar com o tema surgiu da observação do funcionamento da escola de futebol “Chute Inicial do Corinthians”. A escola situa-se no Município de Diadema, onde já existem trabalhos de inclusão social, pois é considerada uma das áreas mais atingidas pela desigualdade social.

Estava estagiando no município de Diadema, e como meu horário era na parte da tarde, chegava mais cedo e parava na escola para assistir às aulas. Foi a partir dessas observações que resolvi fazer minha pesquisa de conclusão de curso.

Foi interessante observar como os professores lidam com os alunos dentro de campo, e o tratamento de respeito tanto dos alunos com os professores, quanto o inverso.

Outra coisa que pude notar foi a preocupação que tinham com aqueles que não estavam acompanhando o treino dentro de campo, e como o problema foi conduzido pelos profissionais.

Também me surpreendi positivamente com a abertura oferecida pela escola “Chute Inicial”, que me forneceu dados, e facilidade para realizar as entrevistas da pesquisa, o que demonstra a seriedade da instituição, e permitiu que eu atingisse os objetivos do trabalho.

O primeiro capítulo, trata de uma breve história do futebol no mundo, desde o surgimento curioso e os métodos preconceituosos existentes relatando que o esporte não era ‘para todos’ nas épocas apontadas, até o relato do surgimento dos times como conhecemos nos tempos atuais, quando se tornou um esporte popular sem restrições de participação.

No segundo capítulo, foi tratado do tema cidadania, procurando dentro de sua definição, a relação com a prática esportiva. A inclusão social sob os aspectos da realidade vivida pelos jovens de classes menos favorecidas, e esporte, considerando-o como possível instrumento desta inclusão.

Finalmente, no terceiro capítulo, aponto dados a respeito da história, principais ações e resultados alcançados do projeto CHUTE INICIAL do CORÍNTHIANS.

A pesquisa tem como prioridade estudar as conseqüências de uma orientação de cidadania no mundo futebolístico com os jovens, mostrando a importância de trabalhar este aspecto para a formação desses atletas.

A pesquisa utilizou o método qualitativo, valendo-se de observação diária contando com a ajuda dos professores na busca de informações sobre o desenvolvimento dos jovens, nos aspectos: comportamental, familiar e escolar. Dos depoimentos dos próprios alunos em hora marcada sem atrapalhar o andamento das aulas, e estudo da bibliografia, com a finalidade de investigar quais os resultados que a orientação sobre cidadania trará ao futuro do atleta. Procurando salientar a visão geral de inclusão social nesse chamado mundo futebolístico.

Para isso foi feito um levantamento bibliográfico; tendo como definição dos principais eixos teóricos: cidadania, inclusão social, direitos sociais e mundo do trabalho.

CAPITULO I
JUVENTUDE E O MUNDO DO FUTEBOL



Figura 1 – Professor instruindo os alunos da escola “Chute Inicial do Corinthians”

1.1 - Breve história do futebol no Brasil

A história do futebol vem de longínquas eras, antes de chegar à Inglaterra, passou por lugares e culturas diferentes.

Foi descoberto de modo um pouco estranho e cruel. Na China antiga, em 300 a.C, os militares treinavam com as cabeças de soldados inimigos mortos nas guerras. Formavam duas equipes de oito pessoas em cada time. Depois de algum tempo, a bola foi sendo substituída por couros revestidos de cabelo.

Nessa época o futebol tinha nas suas regras, diferenças do futebol que conhecemos. Cada time tinha oito jogadores e sua principal regra era não deixar a bola cair, mas com o mesmo objetivo de fazer o gol. As traves eram duas estacas fincadas no chão.

No Japão antigo também existia como diversão o futebol, para eles mais conhecido como “kemari”, o curioso é que naquela época, o Kemari só era praticado pela elite, quem praticava o esporte eram os imperadores. Suas regras também tinham diferenças, não se permitia contato físico, e seu campo era de duzentos metros quadrados.

Os gregos também tinham seu futebol, mais conhecido como “Episkiros”, era também praticado por soldados, mas desta vez não era com cabeças, a bola era feita com bexiga de boi cheia de areia. Os jogos eram na Esparta na Grécia, seu campo era retangular.

Quando Roma dominou a Grécia, e os romanos conheceram o Episkiros, o esporte tornou-se mais violento por causa das rivalidades entre os países.

O futebol na Idade Média, chamado Soule ou Harpastum, era formado por equipes de vinte e sete jogadores, suas regras permitiam socos, pontapés, rasteiras e outros golpes violentos.

Como podemos observar a rivalidade no futebol já é bem antiga. Era China contra o Japão e Roma contra a Grécia, as rivalidades aconteciam dentro e fora de campo, em suas diferenças políticas e sociais.

Por fim o futebol chegou à Inglaterra por volta do século XVII, com as regras que conhecemos e jogado pela elite inglesa.

Segundo Tubino:

“Admitindo-se que existiu um Esporte da Antiguidade, cujas manifestações mais importantes foram os Jogos dos Gregos, (Olimpíadas Gregas, Jogos Fúnebres, Jogos Políticos, etc.), percebe-se que o chamado Esporte Moderno surgiu no século passado, criado por Thomas Arnold, na Inglaterra, numa perspectiva pedagógica que em momento algum restringiu os aspectos agonísticos das competições”. (2001, p.10).

O pai do futebol no Brasil foi Charles Miller, nascido no bairro do Brás em São Paulo. Viajou para Inglaterra com nove anos para fins educacionais e lá conheceu o esporte e aprendeu a jogar.

Retornando ao Brasil em 1894, trouxe na bagagem a primeira bola e as regras do futebol.

O primeiro jogo de futebol no Brasil foi realizado em 15 de Abril de 1895, entre funcionários da Companhia de Gás contra os funcionários da Companhia Ferroviária de São Paulo Railway.

No início, ele era praticado por pessoas da elite, sendo descartadas as pessoas negras e pobres.

No dia 13 de fevereiro de 1896, o alemão Hans Nolbing chegou ao Brasil trazendo uma bola e os estudos do clube de futebol Deutschland, de sua cidade em Hamburgo. Possuía uma enorme paixão pelo esporte, e foi considerado o segundo incentivador do futebol no País.

Em 1898, os estudantes do Colégio Mackenzie fundaram a Associação Atlética Mackenzie. Em 1899, a colônia alemã, orientada por Hans Nolbing fundou o time do Germânia. Esses dois clubes disputariam mais tarde os campeonatos paulistas e se tornariam o expoente do futebol brasileiro em sua época.

Em 1900, Oscar Cox vindo da Suíça apresentou pela primeira vez o futebol ao Rio de Janeiro.

Freqüentadores das academias começaram a demonstrar simpatia pelo novo esporte, iniciando a difusão em todo o Brasil.

A primeira liga de futebol no nosso país foi criada no dia 19 de Dezembro de 1901, e chamava-se Liga Paulista de "Foot Ball", assim grafado naquela época. Foi o primeiro campeonato oficial no Brasil, e incluía os clubes da capital. O campeão foi o São Paulo Athletic Club, onde jogava Charles Miller.

Nesse jogo foi tirada a primeira fotografia de um time de futebol no Brasil, o autor do primeiro gol oficial foi Mário Eppingaus do Mackenzie e o artilheiro do primeiro campeonato foi Charles Miller, com dez gols.

O primeiro estádio foi construído em 1875, onde seria o Velódromo Paulistano para ciclismo, porém foi reformado para ser um campo de futebol em 1902, palco de memoráveis jogos. Já nessa época a paixão pelo esporte era de grande valia, pois trocaram as corridas de bicicletas pelas partidas de futebol.

Na década de vinte, os negros começaram a jogar porque o clube Vasco da Gama comercializava esses jovens. Mesmo sendo proibidos os negros no futebol, os portugueses do Vasco da Gama pagavam os jogadores e registravam como seus empregados. Isso para ter vantagens perante os outros clubes, pois esses atletas possuíam mais qualidade física e técnica.

O futebol não era considerado pelas pessoas que se envolviam profissionalmente como uma paixão esportiva, mas também uma forma de se fazer política desonesta,

uma manifestação egoísta para levar vantagem, já que tinham em suas mãos jogadores mais preparados para serem comercializados.

O primeiro tipo de manifestação no esporte foi conhecido como Política - Ideológica, nas Olimpíadas de 1936.

Segundo Tubino:

“A primeira grande manifestação de utilização do esporte como meio ideológico – político foi a de Hitler durante os Jogos Olímpicos de 1936. Foi construída toda uma estrutura que permitisse a demonstração para o mundo da supremacia dos alemães arianos sobre os demais povos e raças. No entanto, as vitórias do negro norte-americano Jesse Owens, e a valorização destas conquistas derrotaram o ditador alemão nas suas intenções e ações torpes de uso do esporte”. (2001, p.51 e 52).

Durante os governos de Vargas houve um grande esforço para popularizar o futebol no país. Exemplo disso foi à construção do Maracanã e a Copa do Mundo no Brasil em 1950.

Não podemos falar sobre a história do futebol no Brasil sem citar Edson Arantes do Nascimento, conhecido como Pelé, que marcou sua carreira fazendo mais de 1.281 gols em 1.375 partidas disputadas. Foi sem dúvida um herói para o Brasil.

Pelé nasceu e foi consagrado no Santos Futebol Clube. Em 1956, chegou à Vila Belmiro, trazido por Valdemar de Brito, tinha apenas 15 anos, dando um novo impulso à história do Santos.

Com menos de 18 anos, Pelé foi campeão na Copa do Mundo na Suécia, fazendo gols inesquecíveis nos jogos contra o time do País de Gales e da Suécia em 1958. Foi nessa mesma copa, que aconteceu a primeira transmissão direta pela televisão quando mais de setenta países acompanharam o evento.

Já na copa de 1970, Pelé comandou uma equipe cheia de talentos, marcou quatro gols em seis partidas e trouxe a Taça Jules Rimet em definitivo para o Brasil com a

conquista do tricampeonato. Nesse período o país era governado por uma Ditadura Militar, uma época marcada por forte repressão, e o futebol sendo a maior paixão dos brasileiros, talvez tenha servido como um modo de alienação do povo.

Outro jogador considerado entre os especialistas do futebol como um dos maiores da história, foi Mané Garrincha que se consagrou por seus dribles desconcertantes, apesar de ter suas pernas tortas.

Ele era conhecido como "O Anjo de Pernas Tortas", foi um dos heróis da conquista da Copa de 1958, e principalmente da Copa de 1962, que após a contusão de Pelé, tornou-se o principal jogador do ataque brasileiro.

A força do seu carisma ficou marcada lapidarmente nas palavras do grande poeta de Itabira, Carlos Drummond de Andrade (1962), "Se há um deus que regula o futebol, esse deus é, sobretudo irônico e farsante, e Garrincha foi um de seus delegados incumbidos de zombar de tudo e de todos, nos estádios".

Na maior parte de sua carreira, Garrincha jogou no clube do Botafogo, no período de 1953-1965 e na Seleção Brasileira de 1957-1966. Jogou também um curto espaço de tempo no Corinthians em 1966, e no Flamengo em 1969.

O fim da carreira começou em 1963, em sua melhor fase. Mesmo com artrose no joelho era obrigado pelos dirigentes a jogar por causa do lucro que eles obtinham com a bilheteria de seus jogos, até tomava injeções para aliviar a dor.

Seu fim foi rápido. Seu vício pela bebida, sua falência financeira e sua vida afetiva conturbada, o levaram ao rumo fatal, o que demonstra que já naquela época o dinheiro no futebol era destruidor para alguns e recompensador para outros.

Nos dias de hoje, quem se destaca no futebol como melhor jogador do mundo é um brasileiro, mais conhecido como Ronaldinho Gaúcho.

Ronaldinho nasceu no dia 21 de março de 1980, em Porto Alegre, onde cresceu na periferia. Aos oito anos de idade perdeu seu pai, João Silva Moreira, que jogou futebol amador antes de trabalhar como soldador e vigia dos automóveis no

estacionamento do Grêmio de Futebol Portoalegrense para garantir o sustento da família.

Ainda criança, Ronaldinho teve a oportunidade de dar os primeiros passos como jogador no Grêmio de Futebol Portoalegrense. Daí então não parou mais de crescer como jogador e ter sucesso, realizando o sonho de se consagrar, fato raro, comparado com o início do futebol no Brasil, sendo um menino com muitas dificuldades vindo de uma família pobre.

Já existiram muitos preconceitos de classe com relação à inserção dos indivíduos no esporte. No início do futebol no Brasil, só quem podia participar eram os jovens da elite, apenas brancos podiam jogar, enquanto negros e pobres eram excluídos.

O futebol hoje é um esporte de fácil aprendizagem, de fácil acesso para todas as classes sociais e com um forte impacto cultural no Brasil já conhecido como o país do futebol. Despertando sentimentos que moldam o comportamento das pessoas, inclusive dos jovens que carregam o sonho de ser um jogador famoso.

Segundo Lovisaro e Neves:

“Como fenômeno social e total de natureza perfeitamente integrado à realidade, o futebol é capaz de todos os investimentos sociais e pode representar simbolicamente a sociedade, tanto em seu funcionamento global quanto em suas vertentes mais diversas. Ligado às nossas origens por rituais e símbolos (a bola, por exemplo, é um dos símbolos mais antigos, relacionado com a mitologia, a religião e o sagrado), o futebol é um microcosmo da sociedade e um espelho verdadeiro ou deformante da mesma em todos os seus aspectos”. (2005, p.13).

Para esses jovens, ser ídolo no futebol é uma meta de vida, e mesmo com todo o sofrimento que passam, e suas dificuldades cotidianas, ser um herói é um objetivo a ser seguido, e um possível refúgio para esquecer um pouco da realidade.

O futebol, no Brasil, apresenta atrativos capazes de retirar jovens negros, mulatos e brancos da marginalidade, e abre possibilidades para que a juventude alcance uma

nova perspectiva de vida. Tal perspectiva deve considerar a inclusão social não somente no sentido de 'estar junto', mas também segundo um formato que possa gerar o acesso à educação, saúde e segurança. Segundo Futebol... SANTOS (2006).

Hoje o futebol é um esporte que parece ser o de maior igualdade social, com diferentes classes que o praticam e freqüentam o mesmo lugar de treino.

Assim afirma Santos:

"(...) o jogo de futebol apresenta igualdades numéricas e raciais, pois a partir do apito inicial do árbitro, as oportunidades são iguais para todos os jogadores e para as duas equipes. É um exercício de igualdade." (2006, primeiro caderno).

Não se pode separar futebol, raça negra, pobreza e cultura. Devem sempre caminhar juntos. Já que o futebol hoje é uma das formas de inclusão com mais reconhecimento por ser considerado um esporte popular com menos discriminação.

Continua Santos:

"(...) a cultura brasileira não pode ser dissociada do negro e do futebol. Tanto o futebol quanto a raça negra não têm origem em terras brasileiras, mas a união entre estes dois elementos fez do futebol brasileiro o melhor do mundo. Os fenômenos culturais que associam o negro ao Brasil extrapolam os limites de um campo de futebol e se estendem aos golpes dos capoeiristas e ao samba que a mulata traz no pé. Assim, diz que o negro contribui não apenas para a magia do futebol brasileiro, mas para a consolidação do jeito brasileiro de ser". (2006, primeiro caderno).

Uma outra forma de inserção social são as escolas de futebol, uma oportunidade para preencher as horas livres de jovens com uma prática esportiva, tendo como objetivo tirá-los do tempo ocioso que pode levá-los às ruas convivendo com a marginalidade.

"Como se percebe, nos dias de hoje as pessoas buscam ocupar suas horas livres na prática de algum esporte ou uma outra atividade física, sendo que o brasileiro, em especial, tem sua grande preferência pelo futebol. Percebe-se, também, que esse flagrante interesse da sociedade provoca nas instituições governamentais e privadas, iniciativas de apoio e patrocínio que em contrapartida lhes renderão o status de parceiros a iniciativas sociais, além, é claro, do retorno econômico-político que as mesmas terão. Hoje, com o crescimento da violência e o desenvolvimento das cidades, a criança já não tem espaço para jogar e brincar, e uma das últimas iniciativas para se jogar é a escola e suas extensões (escolinhas

esportivas), mas precisamos estar atentos para qual jogo necessitamos.”
SANTOS (2006, primeiro caderno).

Hoje o futebol pode ser considerado como uma forma de inclusão que não escolhe raça nem classe social. Proporcionando bases para que mais tarde esses jovens possam ser homens respeitados e dignos.

1.2 - A juventude no Brasil, seus desafios e o mundo do trabalho.

Por causa das rápidas transformações que o mundo tem sofrido em termos do conceito família, vale observar historicamente como se tem desenvolvido as relações Família – Estado – bem-estar.

No Brasil, costuma-se dizer que nunca houve um Estado de Bem-estar. Esta afirmação está baseada numa comparação primeiro-mundista, onde supostamente haveria um coerente e consistente esquema de bem-estar. Segundo os autores de Política Social, Família e Juventude (Sales, Matos e Leal, 2006), tal afirmação não poderia ser feita, pois as políticas de família estão impregnadas de particularidades culturais. Assim, pode-se dizer de uma “política de família à brasileira”.

Segundo Sales et al:

“Sabe-se que a instituição familiar sempre fez parte integral dos arranjos de proteção social brasileiros. Isso, à primeira vista, poderia não caracterizar um traço nacional, já que, como diz Saraceno (1995), todos os estados de Bem-Estar estiveram baseados em um modelo familiar, no qual as formas de proteção eram asseguradas por duas vias: uma, mediante a participação (principalmente masculina) do chefe da família no mercado de trabalho e sua inserção no sistema previdenciário; outra, pela participação (em sua maioria feminina) dos membros da unidade familiar nas tarefas de apoio aos dependentes e na produção de atividades domésticas não remuneradas.” (2006, p. 29)

Mesmo assim, no Brasil, o que predominou foi uma concepção da participação autônoma e voluntarista da família na provisão do bem-estar de seus membros, influência tanto de países da Europa como latinos da visão conservadora de bem-estar social.

Na década de 1980, houve uma evolução da tendência conservadora encampada pelo ideário neoliberal vindo da Europa e dos Estados Unidos para o Brasil na qual a sociedade e a família deveriam partilhar com o Estado as responsabilidades antes da alçada dos poderes públicos.

Analistas apontam que as políticas sociais públicas atuais, entraram em incompatibilidade com a estrutura do antigo Estado do período do pós-guerra até a década de 1970. Período este que contava com forte industrialização, crescimento econômico e pleno emprego.

Hoje, esta incompatibilidade com as políticas sociais daquela época persiste pois, “novas forças econômicas globais, mudanças demográficas e transformações da família” (ESPING-ANDERSEN apud SALES et al, 1996) ocorreram.

A proposta de intervenção social feita pelos neoliberais é de que se reestruturassem as políticas sociais recomendando a participação mais ativa da iniciativa privada em substituição ao modelo anterior em que o Estado reinava como principal agente regulador.

Assim, mesmo sem estar clara a forma de como isso funcionaria, foram concebidas fórmulas que exigiam da sociedade e da família considerável comprometimento. O Estado seria o recurso do poder, a autoridade que só ele possui; o mercado, o recurso do capital; e a sociedade, da qual a família faz parte, o recurso da solidariedade. “Concebeu-se, dessa forma, um agregado de instâncias provedoras e gestoras no campo do bem-estar...” (SALES et al, 2006 p. 32).

Para abordarmos a questão do jovem, é importante partir da análise do papel central da família como mantenedora ou propiciadora da sobrevivência material. É na família onde se articulam diversas alternativas para os indivíduos superarem as situações de precariedade social (desemprego, inserção no mundo do trabalho, etc).

Todos podem reclamar da solidão, mas a solidão não é estar sozinho sem companhia. No sistema em que vivemos a solidão também é de caráter social. O abandono social como, por exemplo, a falta de perspectiva que pessoas de classe menos favorecida sofrem, é caracterizado como solidão social. Essas pessoas não estão sós, estão ‘no meio’ de outras, são vítimas da crise do desemprego e da falta de políticas sociais.

Segundo o Censo de 2000, o modelo de família nuclear, para o qual se basearam as políticas sociais, mudou consideravelmente. As mães solteiras chefiam uma de cada três casas em cidades como Brasília e Rio de Janeiro.

“As mudanças na estrutura familiar, divórcios, novos casamentos tornam muito mais complexas as relações de parentesco e de solidariedade. As famílias, a partir dos anos 1990, tornam-se mais heterogêneas”. (SALES et al, 2006, p. 39).

As mudanças na Constituição Federal de 1988 e alterações no Código Civil, em relação às várias questões que implicam a família, levam à necessidade de maior reflexão em relação às políticas sociais. O objetivo da política social em relação à família, não deve ser o de pressionar as pessoas para que elas assumam responsabilidades além de suas forças, mas o de oferecer-lhes alternativas realistas de participação cidadã (JOHNSON apud SALES et al, 1990).

Os desafios do jovem neste contexto são muitos.

Um estudo realizado pela Fundação SEADE criou um índice capaz de subsidiar as decisões de investimento do governo do Estado na prevenção da violência na cidade. Considerou seis variáveis que impactam de alguma forma a vida dos jovens na cidade de São Paulo: taxa de crescimento populacional, concentração de jovens entre 15 e 19 anos, taxa de homicídio, mães com idade entre 14 e 17 anos, valor do rendimento do chefe de família e quantidade de adolescentes que não freqüentam a escola.

A partir daí, criou-se um índice de vulnerabilidade juvenil (IVJ) que mostra que: 336 mil adolescentes de 15 a 19 anos, na cidade de São Paulo estão cotidianamente expostos a situações que facilitam o contágio pela violência e que nos dois grupos de bairros onde foi considerada maior vulnerabilidade, são exatamente aqueles onde vivem 65% dos jovens entre 15 e 19 anos. (POCHMANN, 2003, p. 30).

A partir da década de 1990, as taxas de desemprego cresceram assustadoramente em todo o país. Sendo que esta crise ameaça inclusive o trabalho informal.

O desemprego e a precarização do trabalho têm repercussões na vida dos trabalhadores, pois os desqualifica também no plano cívico e político.

Importante verificar as conseqüências desta crise no contexto atual e sua relação com o quadro da juventude hoje.

O Programa Bolsa-Trabalho, (criado em 2001 na cidade de São Paulo) que visa oferecer meios para que os jovens de baixa renda possam continuar vinculados à rede escolar, ter uma capacitação adicional, ter integração em seus bairros e melhorar suas condições de vida junto ao seu grupo familiar, traz alguns dados que caracterizam esses jovens e podem demonstrar alguns aspectos relacionados à dificuldade de inserção social.

Segundo dados utilizados antes da implantação do Programa, coletados na Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED/SP) do convênio Fundação Seade e Dieese, o universo potencial a ser atendido pelo programa chegava a 176.719 jovens. Cerca de metade desses, não havia completado o primeiro grau, 44% eram desempregados e 56% inativos.

A grande maioria não era composta de chefes de família, mas observa-se que 10% eram chefes ou cônjuges, uma indicação provável de que existiu uma inserção precoce no mercado de trabalho. Apenas 7% haviam completado o segundo grau.

Não podemos esquecer de mencionar a distinção racial na educação, a luta dos negros e suas cotas de vagas nas universidades, e nas escolas.

Pessoas que cursam uma universidade ou já se formaram não possuem garantia de estabilidade financeira e, jovens recém formados não encontram oportunidades por falta de experiência e saturação do mercado.

Talvez não seja somente com a falta da educação escolar que os jovens sofrem, mas também com a falta de cultura e lazer. Não é muito comum presenciar a juventude no teatro, em museus, livrarias e exposições.

Sendo que, segundo pesquisa realizada pelo instituto Cidadania¹ em 2004, de cada cinco jovens, dois nunca foram ao cinema, três nunca estiveram no teatro e metade não pisou numa biblioteca fora de escola.

Os jovens pobres da periferia envolvidos com o tráfico de drogas não estão apenas excluídos do mercado formal de trabalho, haja vista a sua condição educacional, mas são portadores de um estigma, passando a ser considerados como indivíduos socialmente ameaçados e por isso mesmo, passíveis de serem eliminados.

Segundo SALES et al:

“(...) as estatísticas de mortalidade no Brasil, em especial na cidade do Rio de Janeiro, expressam um quadro, no qual se revela quem, na realidade, são os principais atingidos pela chamada escalada da violência. (...) num período de quinze anos(1980 a 1994), 6.589 adolescentes de 10 a 19 anos foram assassinados no município do Rio de Janeiro: uma média de 37 óbitos por mês.” (2006, p. 85)

Há também outro fenômeno a ser considerado. O aumento da concentração urbana está ocorrendo, porque a própria periferia se expande. Há uma falta de investimento na infra-estrutura básica de moradia para a população mais carente. E não se pode dizer que hoje isto se deva principalmente à migração nordeste-sudeste. Este fato ocorreu mais forte nas décadas de 1970 – 1980.

Hoje, a ausência de política de fixação do trabalhador no campo ajuda a agravar esta situação.

A crise do desemprego foi um dos principais motivos da desestruturação familiar. Isso ocorre quando a família nuclear muda, obrigando mais membros a se inserirem no mercado de trabalho. Dessa forma, para o jovem, o abandono dos estudos se torna mais freqüente e a aproximação com meios tidos como ‘mais fáceis’ de se obter renda, aparecem na descoberta do mundo do crime.

¹ O Instituto da Cidadania é apolítico e pluralista, aberto à participação de todos que querem dar sua contribuição para aprimorar a cidadania e os valores democráticos no Brasil. Formado por brasileiros, de diversas profissões, que querem oferecer uma contribuição pessoal e profissional para valorizar e desenvolver a cidadania.

Com o empobrecimento das classes trabalhadoras, o maior desafio do jovem se torna a sobrevivência.

O sonho é o combustível para os jovens enfrentarem uma rotina árdua, e se espelham em seus heróis, os raros exemplos que se destacaram. Possuem uma vida sem muitas possibilidades de progredir profissionalmente e pessoalmente, enfim, ter sucesso e ser um cidadão com mais dignidade.

CAPÍTULO II

CIDADANIA, INCLUSÃO E ESPORTE



Figura 2 – Alunos durante o treino.

2.1 - O ESPORTE COMO INSTRUMENTO DE CIDADANIA

A escola é um dos principais meios de formação de um cidadão, dentro dela o aluno aprende a viver em sociedade e a respeitar o próximo. Na escola o jovem adquire uma base para sobreviver no mundo lá fora, aprende o conceito de cidadania para que possa se integrar.

O esporte contribui também para que o indivíduo descubra sua identidade buscando ser um cidadão socialmente igual, a lidar e a respeitar as diferenças, trabalhar no coletivo, etc. Aprendendo a perceber quais os seus limites e respeitar o dos outros, e que tem a possibilidade de escolha sem precisar passar pelos constrangimentos do sistema. Tendo, além disso, o caráter de facilitador do desenvolvimento pessoal, da integração igualitária, e de permitir condições de inserção no meio social.

Desse modo, o direito ao esporte proporciona o desenvolvimento do ser humano, a melhoria da qualidade de vida e o trabalho coletivo. Isso está garantido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), 2004 no Art. 59 pg. 23, “Os Municípios, com apoio dos Estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude”. E também é importante lembrar que a Constituição Brasileira, consagra no artigo 217, a prática do esporte como direito: “é dever do Estado fomentar práticas desportivas formais como direito de cada um...”.

Mas nem todas as leis parecem ser cumpridas na prática, pois nem todo mundo tem condições de gozar desses direitos constitucionais. Desta forma, para se conquistar a cidadania através do esporte, primeiramente deveriam existir condições igualitárias para suprir as necessidades de todos.

Como o ser humano pode se desenvolver através do esporte, se não tem o mínimo de condições de moradia, trabalho, educação, alimentação até mesmo de lazer? Hoje em dia infelizmente, alguns jovens não têm condições de freqüentar uma escola que possa suprir as necessidades além das aulas.

Muitas vezes estão passando fome e a própria instituição não tem condições de acolher a todos.

Ressalta, Nori:

“(...) o direito ao esporte e a luta pela conquista de direito devem se somar às atividades que objetivam proporcionar o desenvolvimento integral do ser humano, sob o enfoque da melhoria coletiva de qualidade de sua vida. É consenso que a educação, a saúde, a moradia e outras questões básicas surgem como prioridades, sem, no entanto, desmerecer as ações voltadas à democratização do acesso às práticas culturais, nas quais se inserem as atividades físico-desportivas como forma de lazer.” (2002, p.150).

Existem escolas apostando que a cidadania pode se fazer através do esporte. Utilizam estratégias pedagógicas, não só no cotidiano dos alunos dentro de sala de aula, mas também na prática esportiva. Propiciam: a integração dos alunos, o companheirismo, a amizade, a solidariedade, o trabalho em equipe, onde não existe ganhadores e nem perdedores, mas sim um espaço que possa ser de igualdade, transforme caráter e reforce o respeito pelo próximo.

FERREIRA ressalta:

“(...) uma das utopias dos defensores da educação pública de qualidade é a escola como um espaço norteado pelo princípio da inclusão de todos, ao mesmo tempo um lugar de alteridades e identidades, de solidariedade e de companheirismo. E assevera: por isso mesmo se questiona sobre o sentido de se formar indivíduos capacitados para vida, se este ideal se sustenta no axioma do ‘vencer ou vencer’, mantendo-se fiel aos ditames de uma sólida ambição em que riqueza material seja símbolo de sucesso, de inteligência, de competência, de determinação, de valentia, mas também de trapaça, a covardia, a ganância”. (2003, p.27).

O esporte além de ter o poder de formar cidadão com responsabilidades, entre outras coisas, só ele tem um espaço garantido para todas as pessoas independente de raça, cor, religião.

Por exemplo, no futebol, em uma equipe existem atletas que se destacam de diferentes formas em suas diversas posições, isso não significa que existam melhores ou piores, mas sim uma equipe onde um depende do outro para que o time funcione.

Segundo Vargas:

“É imperativo ressaltar que a utilização do esporte como estratégia ideológica culminou por romper com os verdadeiros valores que alicerçam a igualdade de oportunidades entre os homens, já que o estabelecimento da competição como fim privilegia aqueles que trazem na bagagem genética a predisposição para o gesto desportivo, mas, por outro lado, segrega os ‘menos dotados’ ”. (2003, p.02).

Ainda que infelizmente aconteçam guerras entre países por causa de diferenças políticas ou religiosas, quando o assunto se trata de olimpíadas, copa do mundo e pan americanos, o país que está participando, de uma forma ou de outra, direciona sua atenção ao evento, se orgulha e vibra quando ganha.

Segundo Nori:

“(...) o esporte um traço de cultura e identidade de um povo, um elemento de expressão e integração social e estratégia de melhoria de saúde e qualidade de vida, afirmando que o esporte socializa e sociabiliza, agregando valores de cooperação e solidariedade e, assim, deve ser entendido em seu aspecto mais amplo de inclusão social. Por essas razões, o esporte, não raro, tem motivado diferentes grupos sociais a se organizarem para reivindicar às autoridades intervenções urbanas que visem à melhoria das condições sociais da população”. (2002, p.155 e 156)

Por esse motivo entre outros, é que a cidadania no esporte é tão poderosa a ponto de modificar fortes hierarquias nem que seja por um período de tempo, obrigando-as a se adequarem a normas coletivas e serem menos individualistas.

2.2 - INCLUSÃO SOCIAL E CONQUISTA DE DIREITOS

Inclusão social significa que o indivíduo deve fazer parte de uma sociedade na condição de cidadão. Para isso, o homem não pode ser economicamente oprimido, deve ter um emprego digno para que possa sobreviver. Pois jamais será um ser que, pelo simples fato de viver, é portador de direitos.

Existem várias definições a respeito de cidadania. A definição da Declaração Universal dos Direitos Humanos proclamada pela ONU, que universaliza os direitos humanos, como também as dos autores Boff, Betinho, Santos e Coelho, que podem ser resumidas como a expressão da individualidade que se manifesta no plano comunitário. “A conquista da cidadania é, desse modo, um processo de construção coletivo e solidário” (Nori, 2002 p.145).

Entretanto, depara-se atualmente no Brasil com uma situação de democracia ‘frágil’. Uma vez que há a predominância de uma cidadania desigual.

Segundo Nori:

“Em países como o Brasil, no entanto, esse processo horizontalizado de democracia participativa está apenas engatinhando, verificando-se a predominância de uma cidadania desigual, refletindo a estrutura social profundamente marcada pela concentração de renda e poder”. (2002, p.146).

Podemos observar a existência de pessoas que são amparadas pelos programas de geração de renda, oferecido pelo Estado e por instituições privadas. Programas que servem como auxílio para essas famílias terem o mínimo de condições para a subsistência.

Por outro lado, existem famílias que não recebem nenhum auxílio, e muitas vezes são as que mais precisam, são as que vivem abaixo da linha da pobreza.

Segundo Nori :

"Num primeiro momento, entendemos que o exercício de cidadania é indissociável de uma concepção solidária de vida que clame por justiça e não aceite situações em que determinados e restritos grupos de pessoas sejam super-cidadãos, totalmente amparados pelo Estado e demais instituições, enquanto extensos segmentos populacionais encontram-se totalmente excluídos da vida social, desprovidos por completo dos direitos básicos de cidadania". (2002, p.144).

Mesmo no exercício da cidadania não há uma distribuição de direitos, em alguns casos se encontra uma desigualdade social onde, quem mais necessita de amparo, é esquecido, enquanto os outros estão sendo privilegiados.

Nori complementa:

"Num primeiro momento, entendemos que o exercício de cidadania é indissociável de uma concepção solidária de vida que clame por justiça e não aceite situação em que determinados e restritos grupos de pessoas sejam super-cidadãos, totalmente amparados pelo Estado e demais instituições, enquanto extensos segmentos populacionais encontram-se totalmente excluídos da vida social, desprovidos por completo dos direitos básicos de cidadania". (2002, p. 144).

Para se conquistar espaço na sociedade, é necessária a participação popular de forma organizada, a fim de conhecer melhor e mais profundamente os seus direitos, e com isso possam modificar em conjunto as desigualdades e solidificá-los. Trabalhar pelo mesmo interesse, com o mesmo objetivo.

Segundo Behring e Boschetti:

"(...) a generalização dos direitos políticos é resultado da luta da classe trabalhadora e, se não conseguiu instituir uma nova ordem social, contribuiu significativamente para ampliar os direitos sociais, para tencionar, questionar e mudar o papel do Estado no âmbito do capitalismo a partir do final do século XIX e início do século XX". (2007, p. 64)

Importante verificar que em diferentes momentos da história da humanidade, grandes modificações nas relações de dominação, continuam no seu desenrolar, a presença de movimentos populares atuando de forma organizada.

Segundo Behring e Boschetti :

"O surgimento das políticas sociais foi gradual e diferenciado entre os países, dependendo dos movimentos de organização e pressão da classe trabalhadora, do grau de desenvolvimento das forças produtivas, e das

correlações e composições de força no âmbito do Estado. Os autores são unânimes em situar o final do século XIX como o período em que o estado capitalista passa a assumir e a realizar ações sociais de forma mais ampla, planejada, sistematizando e com caráter de obrigatoriedade”. (2007, p. 64).

No Brasil, a história conheceu um importante educador, Paulo Freire, que alertava a respeito da libertação das classes oprimidas dizendo que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho; os homens se libertam em comunhão”. (NORI, 2002, p. 145)

Direitos deverão ser conquistados, não serão oferecidos gratuitamente em nenhuma sociedade.

Importante também ressaltar que a cidadania manifesta-se na atitude de assumir deveres. Direitos sem deveres são privilégios (RIBEIRO apud NORI, 1998).

Deve haver um olhar cuidadoso em relação a programas oferecidos pelo Estado à população de baixa renda, no sentido de ampará-los nas situações emergenciais de perigo à subsistência.

Corre-se o risco de deixar as pessoas acomodarem-se no pensamento de que essas doações seriam direitos adquiridos. Levando, muitas vezes, a atitudes de acomodação e de espera, ao invés do importante processo pedagógico do ‘aprender’ a agir para a conquista dos seus direitos.

Segundo Nori:

“O exercício da cidadania não pode igualmente prescindir da busca permanente da autonomia nos mais diversos setores da vida do cidadão. No entanto trata-se da capacidade de autodeterminar-se, de auto-realizar-se que vai além da participação, pois a autogestão visa à transformação”. (2002, p.145)

O exercício da cidadania, portanto, pressupõe que haja a participação total em todos os níveis da população, para a conquista dos direitos fundamentais sem esquecer que há a contrapartida do exercício dos deveres de cada um para com o coletivo.

O surgimento de instituições autônomas, em paralelo a ações do Estado, pode servir como exemplo de iniciativas partidas do cidadão em busca de aprimoramento desta cidadania. Isto tem ocorrido em vários âmbitos. Neste trabalho, abordaremos uma instituição que atua com jovens por meio da atividade esportiva.

CAPÍTULO III

A experiência da Instituição 'Chute Inicial Corinthians'



Figura 3 – Logo da escola “Chute Inicial do Corinthians”

3.1 - Quem são e principais ações

Informações fornecidas por Gláucia Oliveira, coordenadora do Projeto Chute Inicial, responsável pelas escolas de São Paulo, passadas de modo informal, sem gravação, apenas um bate papo e algumas informações enviadas por escrito.

O Projeto CHUTE INICIAL CORINTHIANS tem como objetivo principal explorar a força desta marca, através da formação de uma rede de franquias totalmente integrada, que adota conceitos modernos e metodologia própria de ensino, utilizando-se de uma gestão séria, profissional, que valoriza o trabalho de cada integrante da equipe, não deixando de lado o papel social, que visa formar e educar os alunos, contribuindo assim, com a comunidade e com o futebol profissional do país.

Este papel social é um dos trunfos e serve como diferencial em relação a outras escolas de futebol. O conceito, segundo os idealizadores, é o mais moderno em termos de metodologia de aulas, sob aspectos técnicos, didáticos e pedagógicos. Fazem programas específicos para cada faixa etária e um acompanhamento que garante o perfeito desenvolvimento dos alunos.

A imagem do trabalho acaba sendo reconhecida e o retorno, pela valorização da marca Corinthians, é assegurado.

O Projeto CHUTE INICIAL CORINTHIANS é a primeira rede de escolas de futebol que, de forma inédita, aplica conceitos do sistema de franquias, em que todas as escolas trabalham de maneira harmoniosa e integrada, utilizando-se de método adquirido pelo Clube Corinthians, o qual é transferido de maneira eficiente, permitindo uma parceria ideal entre a franqueadora e a rede.

Aos franqueados tem como objetivo principal oferecer apoio, suporte operacional e administrativo a todos os integrantes da rede. A gestão ocorre de maneira transparente, parceira, permitindo que cada um dos franqueados contribua nesta

relação e receba todos os benefícios que são adquiridos pelo fato de pertencerem a uma rede sólida de escolas de futebol.

Em visitas periódicas, os consultores de campo orientam os franqueados em aspectos operacionais, como atendimento, matrículas, produtos, identidade visual, cursos, plano de aulas, áreas administrativa e financeira, ou seja, na padronização operacional.

A unidade de Diadema, objeto desta pesquisa, não foge ao modelo. É idealizada para ser um projeto social preocupada com a educação dos alunos através do esporte e, segundo seus professores, desenvolve o senso de ganhar ou perder, valorizar o que ganham, aceitar críticas e respeitar os demais.

Pela descrição das características gerais do projeto CHUTE INICIAL da Instituição CORÍNTHIANS, pode-se perceber que há dois aspectos a se considerar: o objetivo central está voltado para o fortalecimento da marca, tem fins lucrativos e uma estrutura de empresa para administrar o projeto. Ao mesmo tempo, ao atuar com os jovens a partir da metodologia já citada, volta-se para a abordagem social, pois propicia a esses jovens o desenvolvimento da visão de disciplina e consciência do relacionamento em equipe que leva à vivência do conceito de cidadania e inclusão social.

3.2 – A Unidade de Diadema

Informações fornecidas por Ronaldo Rodrigues, dono da filial da escola Chute Inicial do Município de Diadema. Essas informações foram passadas informalmente, não houve gravação, apenas um bate papo e outras, enviadas por escrito.

3.2.1 - História

Tudo começou em 2002, quando o Ronaldo que já trabalhava em uma unidade da Chute Inicial, resolveu abrir sua própria unidade com Rosana sua irmã.

Quando resolveram iniciar o projeto não sabiam o local, e como eles moram no bairro do Ipiranga, acharam mais viável procurar quadras no ABCD. Decidiram por uma quadra em Diadema, pois precisavam montar sua unidade em um local onde não havia outra escola.

Logo que foram trabalhar na escola, perceberam que a cidade era de classe média baixa, e até pensaram que não daria certo. A partir daí viveram a experiência de como conquistar garotos de baixa renda.

Resolveram fazer uma triagem para que alguns garotos mais pobres tivessem a oportunidade de conquistar algumas bolsas de estudo na escola, com isso os ajudariam e ao mesmo tempo desenvolveriam normalmente seu trabalho com garotos que tinham uma condição um pouco melhor.

3.2.2 - Principais Ações

A triagem para saber quem realmente precisava de bolsa deu certo, e passou a ser realizada todos os anos. Além de conquistar mais alunos, ajudaram aqueles que não podiam pagar.

A partir do momento em que o aluno se insere na escola, tem que se adaptar a algumas regras. Além de disciplina que deve haver na escola, é observado o

comportamento escolar e em sua residência. A escola sempre deixa claro que antes de se tornarem jogadores eles devem ser cidadãos.

O trabalho realizado interfere de certa forma nos sonhos dos jovens. Para que esse sonho não se torne frustração, pensam ser adequado não apenas dar as aulas de futebol, mas também mostrar para eles que na vida há dificuldades naturais e que devemos saber lidar com elas e trabalhar muito pra que elas não venham a atrapalhar.

3.2.3 - Resultados Alcançados

Alguns garotos não conseguiram realizar o sonho de ser um jogador de futebol profissional, pois se trata de um ramo muito concorrido, entretanto vêm-se alguns que resolveram cursar faculdades relacionadas ao esporte, para futuramente trabalhar em áreas próximas.

CAPÍTULO IV

O IMPACTO DA TEORIA NA PRÁTICA



Figura 4 – Pesquisador, professor e alunos.

4.1 – Metodologia

Foi feita uma pesquisa qualitativa privilegiando aspectos de cidadania, inclusão social, direitos sociais e mundo do trabalho, com o intuito de saber como são tratados esses aspectos e como são relevantes para o comportamento dos jovens da escola Chute Inicial do Corinthians.

Esse tema foi escolhido após observar a escola de futebol e o trabalho diferenciado dos professores, que me chamou atenção. Por esse motivo iniciei a pesquisa para conhecer a história, a filosofia e os valores da instituição.

Trata-se de um estudo de caso, pois abordo uma realidade específica, mas que pode ser ampliada para análise de outras experiências semelhantes.

Foi utilizado um roteiro semi-estruturado observando os eixos de estudo previamente definidos. A coleta de dados foi feita com cinco jovens na faixa etária proporcional, considerada no futebol, categorias que são: 14 e 15 anos; 16 e 17 anos e 18 e 19 anos, com amostra aleatória; e com três professores também amostra aleatória. As entrevistas foram agendadas e gravadas, mediante autorização por escrito.

A análise de dados foi realizada focando os principais aspectos da fala dos entrevistados, listando as semelhanças obedecendo-se os aspectos definidos.

As entrevistas foram realizadas no mês de agosto em várias etapas, pois para encontrar os alunos da faixa etária da pesquisa compareci em dias e horários diferentes, já que os treinos eram diferenciados por categorias.

As entrevistas dos alunos de 14 a 15 anos foram realizadas as terças-feiras no período da manhã, e as demais foram nas quintas-feiras no período da tarde.

Posso dizer que foi um trabalho intenso, com horários diversos, mas com muita colaboração dos profissionais e dos alunos, podendo perceber a seriedade na proposta, na filosofia e na metodologia que a Instituição aborda em seu trabalho.

4.2 - Análise de dados de pesquisa qualitativa

As entrevistas foram realizadas com cinco alunos e três professores da escola de futebol “Chute Inicial do Corinthians” do município de Diadema, usarei nomes fictícios para indicar os entrevistados para preservação de suas imagens.

4.2.1 - Cidadania

A escola é um dos principais meios de formação de um cidadão, dentro dela o aluno aprende a viver em sociedade e a respeitar o próximo. Na escola o jovem adquire uma base para sobreviver no mundo lá fora, aprende o conceito de cidadania para que possa se integrar.

O esporte contribui também para que o indivíduo descubra sua identidade buscando ser um cidadão socialmente igual, a lidar e a respeitar as diferenças, trabalhar no coletivo, etc.

As entrevistas apontam que o trabalho de cidadania é um dos pontos que os profissionais procuram abordar na teoria e na prática durante as aulas dentro e fora de campo.

Como aponta o professor Elias:

“O projeto social que ela desenvolve, é educar os alunos através do esporte, ou seja, os professores devem ensinar os alunos, saber ganhar ou perder, valorizar as coisas que ganham aceitar as críticas, ser educado. Não adianta chegar aqui e fazer o que quiser, deve ter disciplina, educação, porque a educação é fundamental, principalmente no esporte, na vida, em todos os lugares”.

Os alunos entrevistados declaram ter sentido mudanças dentro e fora de casa. Se sentem mais responsáveis, nos aspectos familiares, escolares e com relação à saúde física.

Segundo o aluno Joaquim:

“Para mim foi muito importante, porque eu comecei a conviver com mais pessoas, tenho um relacionamento bem melhor com o pessoal, porque eu ficava só dentro de casa, para mim foi bem legal conhecer lugares novos, pessoas novas”.

Houve uma melhora satisfatória com relação à suas vidas no que diz respeito ao relacionamento com outras pessoas, a respeitar o próximo e a conviver socialmente. Por exemplo, o fato de estarem freqüentando o futebol numa escola e não mais na rua.

Segundo o aluno João:

“Antes eu jogava na rua, jogava no portão dos vizinhos, eles reclamavam. Agora não eu venho jogar aqui. Agora não, eu vou cansado, tomo banho e vou dormir. Não encho o saco de ninguém”.

Pelas entrevistas, pude notar que há preocupação dos profissionais passarem os conceitos de cidadania. Isso é bastante relevante na vida dos alunos e pelas declarações dos professores, isso foi possível de ser constatado.

Isso se concretiza em uma das falas do professor Julio:

“Tento passar as questões que estão acontecendo no mundo e no Brasil, como por exemplo, a violência nas favelas do Rio de Janeiro, e como as pessoas esquecem dessa realidade quando acontece um evento como o Pan Americano. Dessa forma tentamos passar que existem problemas em todo tipo de classe social, porque aqui tem alunos de classe média baixa e média. Procuramos passar que existem projetos sociais, que ajudam as pessoas mais carentes, como por exemplo, o projeto Escola da Família, essas coisas procuramos alerta-los. E a questão da cidadania, ajudar o próximo, que a educação começa dentro de casa”.

Com as minhas observações no decorrer das aulas e com as entrevistas posso afirmar que realmente a preocupação em trabalhar a cidadania com esses alunos foi bastante relevante.

Pude notar também que houve uma mudança satisfatória na vida desses jovens, aprenderam a se valorizar, se valorizar como pessoa, respeitar o próximo, entre outras coisas. Afirmando também que com esse método de trabalho que utilizam com os alunos, diminui a exclusão, já que todos estão praticando o mesmo esporte, tendo a mesma orientação e atenção.

4.2.2 - Inclusão Social

Mesmo que a história do futebol mostre que no início não era um esporte para todos, isso foi mudando, hoje em dia podemos perceber que é um dos esportes mais populares e com menos exclusão, pois os profissionais, intelectuais que faziam parte do mundo do futebol, começaram a ter uma visão contrária com relação à proibição de algumas pessoas praticarem.

A inclusão no esporte, especificamente no futebol, é visível principalmente porque não se pratica sozinho. No futebol depois que o jogo começa, todos são iguais correndo atrás de uma bola, com a mesma finalidade, fazer o gol.

Com relação à inclusão social, foi observado que a maioria dos alunos está freqüentando a escola há bastante tempo, na maioria aproximadamente um ano, um ano e meio. Participando das atividades coletivas dentro de campo como treinamento físico, treinamento coletivo entre outros.

Existe um trabalho de inclusão pela instituição que oferece bolsa para aqueles alunos com menos condições para pagar e quer praticar o esporte.

Como relata o Professor e dono da instituição Ronaldo Rodrigues:

“A triagem para saber quem realmente precisava de bolsa deu certo, e passou a ser realizada todos os anos, e além de conquistar mais alunos, ajudam aqueles que não podem pagar”.

Sendo uma instituição privada, esse método de trabalho serve também para chamar mais alunos, claro que não se pode achar que isso acabaria com a exclusão de alguma forma, muito pelo contrário, é uma forma de marketing para que tenham mais alunos pagantes matriculados.

Mas posso afirmar que realmente existe essa inclusão, pois um dos meus entrevistados é bolsista e freqüenta as aulas na instituição.

Outra prática de inclusão é o trabalho que fazem com relação a atividades fora de campo como viagens para disputar campeonatos e até trazer outros alunos para campeonatos internos. Existindo uma integração com outros alunos de outras escolas.

E complementando com a fala do professor Jonas:

"[...] é importante respeitar o próximo, porque sem respeito fica mais difícil da pessoa se inserir na sociedade, e para ela se inserir na sociedade, é necessário seguir algumas regras, ter educação, algo muito importante para eles, o desenvolvimento dentro de casa, enfrentar os medos, os obstáculos. Os pais são muito importantes para dar base aos filhos, para que o tenha tranquilidade de enfrentar o mundo lá fora, e com relação à inserção social, é trabalhar com regras, mas sempre explicando o porquê está fazendo, qual a importância, fazer que o jovem se insira nos grupos, saiba trabalhar em conjunto".

Essa visão do papel da família como responsável por fortalecer a educação para a vida em sociedade, também é importante observar na prática desses professores. Dessa forma, incentivam os jovens a perceberem paralelamente que existem direitos e deveres a serem cumpridos.

4.2.3 - Direitos Sociais

Existem várias definições a respeito de cidadania. A definição da Declaração Universal dos Direitos Humanos proclamada pela ONU, que universaliza os direitos humanos, como também as dos autores Boff, Betinho, Santos e Coelho, que podem ser resumidas como a expressão da individualidade que se manifesta no plano comunitário. “A conquista da cidadania é, desse modo, um processo de construção coletivo e solidário” (Nori, 2002 p.145).

Existem pessoas que são amparadas pelos programas de geração de renda, oferecido pelo Estado e por instituições privadas. Programas que servem como auxílio para essas famílias terem o mínimo de condições para a subsistência.

Por outro lado, existem famílias que não recebem nenhum auxílio, e muitas vezes são as que mais precisam, são as que vivem abaixo da linha da pobreza.

Também vou citar o direito pelo esporte adquirido pelas pessoas como mostra na Constituição Federal Brasileira e no ECA.

“Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), 2004 no Art. 59 pg. 23, que “Os Municípios, com apoio dos Estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude”. Também é importante lembrar que a Constituição Brasileira, consagra no artigo 217, a prática do esporte como direito: “é dever do Estado fomentar práticas desportivas formais como direito de cada um...”.

Na escola Chute Inicial, alguns alunos entraram por influência de amigos, outros conheceram por convite de professores da escola convencional em que estudam e os demais porque gostavam do esporte.

Como diz Augusto: “Bom eu não tinha nada pra fazer, e já gostava de futebol, aí falei com meu pai e ele me colocou aqui”.

Ou até na declaração de Joaquim: “Então, eu sempre gostei de jogar bola, eu jogava lá na minha escola, aí tinha um professor lá na escola que trabalhava aqui, me viu jogar e me trouxe”.

Como pude observar nas entrevistas existe uma razão maior para praticar o esporte, é ser um jogador famoso. A maioria desses jovens sonha em ser um profissional do futebol, já que ser um ídolo é um valor disseminado pela sociedade.

Isso é um sonho que a maioria vislumbra por que a visão que passam de alguns jogadores é ter uma vida economicamente garantida, ser famoso e ser um herói.

4.2.4 - Mundo do trabalho

Por causa das rápidas transformações que o mundo tem sofrido em termos do conceito família, vale observar historicamente como se tem desenvolvido as relações Família – Estado – bem-estar.

No esporte, onde todos procuram realizar o sonho de ser um jogador profissional, independente do time que for jogar e de que forma, ter uma vida economicamente estável, é importante que exista uma preocupação maior com o futuro desses jovens, já que não é fácil realizar este sonho.

Na entrevista que realizei com os alunos, pude notar que os profissionais trabalham a idéia de que ser um jogador é muito difícil e o quanto é importante os estudos para ter uma profissão.

Como relata o professor Jonas:

“Nós passamos para os alunos, que chega uma idade que não é mais possível seguir carreira, e que até uma idade já deve estar em um clube, e não mais na escola de futebol, porque chegando a faixa etária de dezessete e dezoito anos não é mais possível. Então nós procuramos orientá-los a procurar um curso, tentamos orientar os pais para colocar o seu filho em um curso profissionalizante, para que não fique sem nenhuma profissão depois que sair da escola de futebol”.

Alguns já estão trabalhando, ajudando os pais, outros trabalham informalmente e os demais já trabalharam e estão procurando emprego.

Todos os jovens da Chute Inicial entraram com um só objetivo: ser jogador profissional. Mas nem todos seguirão a carreira, pois é um empreendimento difícil de ser realizado.

É sabido que para um aluno se tornar um jogador profissional é muito difícil, deve mostrar um diferencial satisfatório com relação aos outros alunos, que o mercado do futebol só procura os melhores, então os que já são jogadores é porque mostram uma habilidade superior à maioria.

Sabendo disso, alunos que entrevistei já estão se preparando para o mercado de trabalho. Mesmo que não se tornem jogadores profissionais, alguns pretendem seguir carreira no esporte fazendo faculdade de Educação Física, enquanto outros buscam outras áreas.

Como relata o aluno João: “No momento (minha vontade) é ser um jogador, estou treinando muito, mas é difícil, mas qualquer coisa eu faço uma faculdade de Educação Física, é nesse caminho que eu quero seguir, no esporte”.

A filosofia da instituição é preparar homens primeiro e depois jogadores. Isso significa que existe uma preocupação por parte dos profissionais com relação ao futuro desses alunos.

Como me esclareceu em uma das respostas o professor Marcos: “Logo de início falamos que o futebol é muito importante na vida deles, mas só o futebol não adianta, porque sem estudo eles não vão chegar a lugar nenhum. E se por acaso não der certo, sem o estudo eles não vão chegar a lugar nenhum”.

4.3 - Considerações Finais

Após as pesquisas realizadas, posso dizer que o trabalho atingiu os objetivos traçados.

O foco de pesquisa foi conhecer o trabalho social, as perspectivas de inclusão social, o conceito de cidadania e direitos sociais, que a instituição “Chute Inicial do Corinthians” do Município de Diadema, tem como filosofia.

No desenvolvimento do trabalho, procurei dados que pudessem garantir que o mesmo fosse plausível, por isso pesquisei sobre os direitos sociais relacionados ao esporte na Constituição Federal Brasileira e no ECA, para comprovar a existência desse direito.

Sobre os eixos abordados, a cidadania, inclusão social, direitos sociais e mundo do trabalho, foi realmente obedecida filosofia da instituição, me refiro à metodologia do trabalho que eles desenvolvem com os alunos. Pois existe a preocupação de formar homens e não somente jogadores, conforme declarações na entrevista que fiz com o dono da escola Ronaldo Rodrigues.

No decorrer das pesquisas de campo, observei que realmente existe a preocupação com o social, o “Chute Inicial”, além de levar os alunos para campeonatos, realizam um trabalho com os eles dentro e fora de campo, com o acompanhamento do andamento familiar, escolar e no cotidiano.

A escola se preocupa com a inclusão dos jovens menos favorecidos, oferecendo bolsas para aqueles que não podem pagar, e para que isso aconteça é feita uma triagem para saber realmente quais são os alunos que necessitam da bolsa.

Com relação à hipótese, a atividade desenvolvida pelos profissionais, que inclui a reflexão sobre a importância da cidadania e da inserção social, se comprova nos resultados.

Decidi definir essa hipótese porque já acompanho a escola “Chute Inicial”, há aproximadamente um ano.

Com todas as informações e análises que fiz para atingir os objetivos, pude perceber que a hipótese é verdadeira, e que o discurso apresentado pela instituição, focado na responsabilidade social, é coerente.

A pesquisa desenvolvida foi gratificante, pois pude observar na prática que o trabalho realizado pela instituição, focando a cidadania, a inclusão social, os direitos sociais e o mundo do trabalho, é importante para o desenvolvimento dos jovens.

BIBLIOGRAFIA

BEHRING, Elaine Rossetti, BOSCHETTI, Ivanete. **Política Social: fundamentos e história**. 2ª. ed. São Paulo: ed. Cortez, 2007.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA) – lei federal 8.069/90 – edição revisada e atualizada, CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, Diadema, 2004.

FERREIRA, N. T. Os jogos escolares no imaginário dos professores de Educação Física. In: FERREIRA, N. T. e COSTA, V. L. M., **Esporte, jogo e imaginário social**. Rio de Janeiro, Ed. Shape, 2003.

LOVISARO, Martha, NEVES, Lecy Consuelo. **Futebol e Sociedade um olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

NORI, Célio. **Boleiros da areia: o esporte como expressão de cultura e cidadania**. São Paulo: SESC, 2002.

POCHMANN, Marcio. **Outra cidade é possível: alternativas de inclusão social**. 1. ed. São Paulo: ed. Cortez, 2003, cap. 2.

SANTOS, Elisângela. Futebol para a inclusão social: Professores analisam que o negro contribui para magia do esporte e para consolidação do jeito brasileiro de ser. **Diário da Manhã**, Goiânia, 13 de ago. 2006. Primeiro caderno.

SALES, Mione A., MATOS, Maurílio C., LEAL, Maria C.. **Política Social, família e juventude: uma questão de direitos**. 2ª. Ed. São Paulo: ed. Cortez, 2006.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. 2ª. Ed. São Paulo: ed. Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; vol.11)

SITES

http://www.puc-campinas.edu.br/pesquisa/i_semana_cientifica/tcc

<http://www2.ucg.br/flash/Flash2006/Agosto06/060822futebol.html>

<http://www.suapesquisa.com/futebol>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Futebol_no_Brasil

[http://www.museudosportes.com.br/noticia.php?id%3d1361'](http://www.museudosportes.com.br/noticia.php?id%3d1361)

ANEXO

ROTEIRO DE PESQUISA DE CAMPO

Pesquisa qualitativa, com questionário semi-estruturado. privilegiando aspectos familiares, escolares, relativos ao comportamento do jovem na sociedade.

Questionário aos alunos

- 1- Nome e idade.
- 2- Com quem mora?
- 3- Em que trabalham seus pais ou responsáveis?
- 4- Você está estudando, qual série?
- 5- Há quanto tempo participa da Chute Inicial?
- 6- Faz algum outro curso, qual?
- 7- Você trabalha, em quê?
- 8- O que o levou a procurar a Chute Inicial?
- 9- Participa de quais atividades na Instituição?
- 10- Como você avalia a importância desses trabalhos?
- 11- O que mudou na sua vida após entrar na Chute Inicial?
- 12- Qual seu maior sonho para o futuro?

Questionário aos professores

1. Qual o trabalho social desenvolvido pela Instituição?
2. Como são preparados os jovens para enfrentar o mercado de trabalho?
3. Como vocês abordam a questão de inserção social e cidadania com esses jovens?